



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA**

INSTITUTO DE HUMANIDADES

BACHARELADO EM HUMANIDADES

IANDRA KELLY BENTO RIBEIRO

**AS DIFICULDADES EXISTENTES NO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO DE
CRIANÇAS DIAGNOSTICADAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA OU INTELECTUAL
NO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE GUAÍÚBA-CE NO
PERÍODO DA PANDEMIA DO COVID-19.**

ACARAPE-CE

2022

IANDRA KELLY BENTO RIBEIRO

AS DIFICULDADES EXISTENTES NO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO DAS
CRIANÇAS DIAGNOSTICADAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA OU INTELECTUAL NO
ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE GUAÍUBA-CE NO
PERÍODO DA PANDEMIA DE COVID-19.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades (IH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Jon Anderson Machado Cavalcante.

ACARAPE-CE

2022

IANDRA KELLY BENTO RIBEIRO

AS DIFICULDADES EXISTENTES NO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO DAS CRIANÇAS DIAGNOSTICADAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA OU INTELECTUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE GUAÍUBA-CE NO PERÍODO DA PANDEMIA DE COVID-19.

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à Banca examinadora da Universidade da Integração Internacional de Lusofonia Afro-brasileira, como parte das exigências para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 19 / 02 /2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr Jon Anderson Machado Cavalcante(Orientador)
Universidade da Integração Internacional da lusofonia Afro-brasileira

Prof. Dr James Ferreira Moura Júnior
Universidade da Integração Internacional da lusofonia Afro-brasileira

Prof. Dr José Maclécio de Sousa
Professor da Rede Pública Municipal de Educação de Fortaleza - Ceará

RESUMO

O projeto busca compreender como ocorre o processo de inclusão escolar das crianças diagnosticadas com deficiência física e intelectual no período da pandemia do covid-19. Pretendo identificar as dificuldades existentes no processo de integração em uma escola de ensino fundamental no município de Guaiúba. Meu intuito é, a partir de entrevistas, perceber, através das narrativas de professores e familiares, as dificuldades existentes e com isso entender os prejuízos ocasionados no desenvolvimento educacional dessas crianças. Será, portanto, uma pesquisa qualitativa, na forma de delineamento de uma pesquisa narrativa, utilizando como ferramenta metodológica a entrevista não estruturada. Com isso, acredito que poderei conseguir contribuir para o futuro dessas crianças, evidenciando as dificuldades que elas enfrentam para serem incluídas na sociedade e terem seus direitos básicos na educação. Dessa forma, tenho o propósito de fortalecer as lutas diárias de quem tenta fornecer uma educação de qualidade para as crianças diagnosticadas com deficiência física ou intelectual.

Palavras-chave: Inclusão, Escola, Crianças.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiro a Deus por ter me fornecido paciência e inteligência para conseguir concluir o TCC. Agradeço ao meu orientador Jon Anderson Machado Cavalcante pelas orientações e não ter desistido quando eu quase desisti do BHU. Quero agradecer a Unilab por ter me recebido e acolhido todos esses anos E por fim quero agradecer a todos os professores/as que me forneceram uma bagagem de conhecimento que me possibilitaram realizar esse projeto.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. OBJETIVOS.....	9
2.1 OBJETIVO GERAL.....	9
2.2 OBJETIVO ESPECÍFICO.....	9
3. JUSTIFICATIVA.....	10
4. DISCUSSÃO TEÓRICA.....	14
5. METODOLOGIA.....	22
5.1 ABORDAGEM DA PESQUISA.....	22
5.2 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	23
5.3 INSTRUMENTO METODOLÓGICO.....	24
5.4 CUIDADOS ÉTICOS.....	25
6. REFERÊNCIAS.....	26

1. INTRODUÇÃO

A educação inclusiva é um projeto que tem como intuito incluir crianças com deficiência física ou intelectual dentro das escolas de ensino básico. No passado, a sociedade desenvolveu obstáculos à integração das pessoas com deficiências. Essa atitude, caracterizada por valores culturais, exclui os deficientes da sociedade. "Em suma, longe da vista e longe do pensamento" (FONSECA, 1995, p.200). De uma certa forma essa realidade se estende até os dias atuais.

As crianças com deficiência física ou intelectual se deparam com várias barreiras para conseguir a sua plena integração dentro da sociedade. É uma luta diária para se conquistar os direitos básicos à educação, à mobilidade, à habitação, à saúde e à recreação. De receberem a necessária equidade por parte das políticas públicas e sociais.

Este projeto de pesquisa em questão busca, portanto, através de entrevistas não estruturadas com professores/as e familiares, compreender como ocorre o processo de integração das crianças diagnosticadas com deficiência física ou intelectual no contexto escolar. Irei trazer também narrativas de experiências que eu vivenciei dentro de sala de aula quando eu tive a oportunidade de trabalhar acompanhando uma criança com deficiência intelectual.

Nessa experiência presenciei por diversas vezes a exclusão dessa aluna das atividades escolares, pois ela era tida como incapaz de participar das atividades que eram destinadas às crianças ditas normais. Dessa maneira, por mais que essa aluna estivesse inserida dentro da sala de aula isso não significava que ela estava recebendo uma atenção educacional adequada para a sua aprendizagem.

Nesse sentido, trago em minha pesquisa o diálogo com autores/as que também estudam os desafios da educação inclusiva. Em especial, aponto Vitor Fonseca ao falar que não existe nenhuma razão humana ou científica para separar as crianças com alguma deficiência física ou cognitiva das demais.

Ainda sobre as dificuldades vividas por essas estudantes, outro ponto a ser falado é a questão dos componentes curriculares ofertados pelas escolas, por vezes, eles não são suficientemente adaptados para receber crianças com alguma modalidade de deficiência, sendo

assim, muitas delas ficam ociosas dentro da sala de aula, pois não recebem uma atenção apropriada dos/as educadores/as.

Destaco, por outro lado, que os/as professores/as também estão em uma situação precária em relação às suas condições de trabalho e por não serem capacitados/as com os ensinamentos que lhes possibilitem acolher essas crianças de forma satisfatória. São, muitas vezes, professores/as sobrecarregados/as, não remunerados/as dignamente e que são alocados/as dentro de uma sala de aula superlotada.

E, ao falar da educação inclusiva, não posso deixar de citar que a educação especial é um interesse de todos/as, ou seja, para a inclusão acontecer plenamente todos/as precisam estar em comunhão na perspectiva de que a escolarização não seja um processo excludente e para que assim os diversos setores e atores sociais possam trabalhar em busca de um bem maior.

Sobre esse aspecto, a pandemia do covid-19 veio para potencializar a exclusão, pois antes mesmo de ser decretado o isolamento social as crianças com deficiência já viviam desse modo, só que de uma forma mascarada, e isso como consequência do chamado capacitismo estrutural. O capacitismo é a discriminação e a opressão das pessoas com deficiência ao considera-las inferiores, incapazes de produzir, aprender, amar, cuidar e sentir desejos (GESSER, BLOCK, MELLO, 2020).

A educação inclusiva, portanto, é um projeto que necessita ser aprimorado, pois quando uma criança que já vivencia limitações pela sua condição física ou intelectual e não recebe o apoio adequado e uma educação de qualidade, os efeitos são desastrosos para o seu desenvolvimento humano.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar as dificuldades existentes no processo de integração de crianças diagnosticadas com deficiência física ou intelectual no ensino fundamental em uma escola pública de Guaiuba- CE em tempos de pandemia do covid-19.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ❖ Conhecer como acontece o processo de inserção das crianças diagnosticadas com deficiência física e intelectual antes da pandemia do covid 19 em uma escola de ensino fundamental.

- ❖ Identificar as dificuldades existentes no processo de integração de crianças diagnosticadas com deficiência física e intelectual nos dias que correm a pandemia do covid 19 na escola de ensino fundamental.

- ❖ Entender os prejuízos relacionais, afetivos e sociais causados nessas crianças com deficiência física ou intelectual decorrentes das dificuldades de integração.

3. JUSTIFICATIVA

O meu interesse sobre a educação inclusiva surgiu quando eu recebi a oportunidade de trabalhar em uma escola da rede pública na cidade de Guaiuba. Passei um período de dois anos acompanhando uma criança diagnosticada com deficiência intelectual. Por um longo período observei a forma como o projeto de inclusão era colocado em prática, tanto pela forma como os/as professores/as recebiam essas crianças e como pelo modo que a gestão as encarava.

Em minhas observações notei condutas que não eram adequadas e, a partir disso, desenvolvi o interesse de conhecer como a política de educação inclusiva, de acordo com as leis, deveria ser executada e comparar com a realidade que eu estava presenciando em meu cotidiano.

A educação inclusiva é um assunto muito complexo que só é possível entender em profundidade suas lacunas quem já trabalhou dentro de uma escola. Percebi, depois de um tempo de experiência, a necessidade de elaborar um projeto de pesquisa para conseguir entender como a educação inclusiva acontece dentro das escolas públicas.

Como já citei, trabalhei por um período de dois anos como cuidadora de uma criança diagnosticada com deficiência intelectual e observei como o sistema educacional está ainda repleto de limitações. Presenciei por diversas vezes dificuldades da estudante, quando ela não era inserida em atividades educacionais em grupo, pois era vista como alguém que iria ter dificuldades no andamento das dinâmicas propostas. Essas situações percebidas me afetaram muito, tanto no pessoal como no meu lado profissional.

Além de tudo, observamos que a maioria das escolas públicas do município de Guaiúba não possuem estrutura física para acolher adequadamente essas crianças. Nos deparamos com salas impróprias, cuidadores/as e professores/as sem formação suficiente para realizar práticas de ensino com essas estudantes.

Em relação à falta de infraestrutura e à ausência de investimento na educação inclusiva posso falar sobre a própria sala do AEE (ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO) que era o local na escola onde as crianças recebiam atendimento semanal para ver como estava o progresso em seu aprendizado.

A sala era limitada, não tinha os materiais pedagógicos necessários, como por exemplo livros didáticos, lápis de cor e brinquedos educativos e os poucos que tínhamos eram doados ou comprados pela própria professora do AEE. A sala era minúscula e tinha um banheiro que

os/as funcionários/as da escola utilizavam, ou seja, muitas vezes os atendimentos eram interrompidos quando alguém necessitava utilizar o banheiro.

Outro fato que eu posso citar sobre a precariedade no processo de inclusão das crianças deficientes é a falta de adaptação metodológica no ensino ofertado dentro de sala de aula. Esse foi mais um motivo que me levou a fazer esse projeto de pesquisa, pois presenciei crianças autistas, crianças com deficiência intelectual, com hiperatividade recebendo atividades sem as especificidades para seus processos de aprendizagem.

Consequentemente, são diversos os fatores que estão presentes no contexto escolar que dificultam a inclusão desse público, mas são situações que podem ser superadas conforme a gestão e as instâncias governamentais coloquem em prática as políticas de educação inclusiva que estão sendo delimitadas apenas no papel.

Afirmo com as experiências vividas mencionadas que, não adianta inserir as crianças com necessidades de aprendizagem especiais dentro das escolas sem o fornecimento para elas profissionais preparados/as, de professores/as conscientes e capacitados/as, de uma infraestrutura e os materiais didáticos adequados.

Em um Brasil preconceituoso e capacitista, a perspectiva da educação inclusiva foi um grande passo. Foram anos de luta para que crianças que eram excluídas pela sociedade e vistas como incapazes alcançassem o direito de frequentar uma sala de aula. Apesar dessas crianças estarem "incluídas" na escola e ter leis que lhes asseguram de receber uma educação de qualidade, sabemos que nem tudo acontece como está nas leis.

Foi por esse motivo que escolhi estudar o tema da inclusão, pois percebi o quão falho o processo de inclusão pode ser. E, dessa forma, pretendo com minha futura pesquisa refletir sobre o que presenciei dentro de sala de aula, como por exemplo a falta de apoio dos órgãos públicos, falta de infraestrutura escolar, de formação adequada para os professores e cuidadores e a segregação das crianças com necessidades educacionais especiais.

Outro fato que me motivou a estudar esse assunto é mostrar um dos pontos de base que orientam o Instituto Rodrigo Mendes "Toda pessoa aprende", e isso foi visível no pouco tempo que passei acompanhando uma criança com deficiência, pois consegui ensinar, pude mostrar para as pessoas ao redor que ela tinha capacidade de aprender independente das suas limitações.

Quando se trabalha na educação inclusiva, além de ensinar, aprendemos, pois estamos fora da nossa zona de conforto e tudo o que aprendemos lendo livros, vendo palestras precisa ser reinventado a todo momento, pois cada criança é diferente da outra, possui uma singularidade.

Além das várias situações que perpassam as dificuldades presentes na educação inclusiva outro fator veio para potencializar a exclusão vivida por crianças com deficiência. Em 2020, o mundo todo começou a enfrentar uma pandemia de covid- 19, uma doença que se espalhou rapidamente por todo o Brasil. E em consequência houve a paralisação das atividades escolares, dos comércios e de lugares que pudessem produzir aglomeração, ou seja, tivemos que viver em um isolamento social.

Essa pandemia veio para evidenciar a forma como essas crianças eram invisibilizadas, tanto na saúde, na comunicação e na educação. As crianças com deficiência física e intelectual tiveram que ser afastadas, vivendo ainda mais no isolamento social que antes já viviam, e que agora foi intensificado pela pandemia.

Em meio a tantas barreiras que passam despercebidas resolvi estudar a educação inclusiva com o intuito de buscar evolução intelectual e aprimorar meu conhecimento profissional, já que meu intuito é, após a formação no Bacharelado em Humanidades-BHU, começar a licenciatura em Pedagogia. Com a experiência que obtive vendo na prática como funciona a educação inclusiva, isso vai me ajudar a ser uma profissional mais preparada quando estiver dentro de sala de aula. Não adianta adquirir apenas orientações teóricas se as coisas na prática são diferentes.

O BHU é um curso que busca entender, de modo multi e interdisciplinar, as relações humanas e compreender as desigualdades sociais. Neste projeto de pesquisa, busco mostrar as dificuldades presentes no processo de inclusão de crianças com deficiência física ou intelectual. Estudar esse tema nas ciências humanas é evidenciar que as dificuldades que essa população enfrenta existem e refletem o contexto social e histórico. É fazer com que mais pessoas conheçam essa problemática e tomem a iniciativa de desenvolver pesquisas e práticas buscando soluções viáveis efetivas para que a inclusão de fato aconteça.

Muito se fala dos privilégios de determinados grupos e da desigualdade social dentro dos componentes curriculares do BHU e as crianças com algum tipo de deficiência são um segmento de pessoas segregadas e são tratadas como minorias em diversos âmbitos de suas vidas. Essa pesquisa, portanto, é de fundamental importância para quem está no processo de formação acadêmica, principalmente para quem pensa em seguir o rumo da educação, pois é nosso modo de produção de conhecimentos e de práticas transformadoras, é nesse processo que somos moldados a ser profissionais comprometidos/as com esses desafios.

As disciplinas de História da Educação nos Países da Integração, a de Organização da Educação Básica nos Países da Integração e a de Fundamentos da Educação Especial e Inclusiva ofertadas pelo curso de Pedagogia na Unilab me forneceram as bases teóricas para

fazer este projeto de pesquisa. Os/as professores/as ofertaram textos que discutiam essa problemática, mas senti falta nessas aulas de um contato maior com a realidade concreta que acontece nas escolas, sobre as dificuldades que existem no processo de inclusão.

Por isso, pretendo através deste projeto mostrar as dificuldades da educação inclusiva, pretendo além disso defender o direito à educação que é um direito de todos os seres humanos independente da suas condições: "Sabemos que muitos obstáculos terão de ser superados se nos propusemos a pôr fim ao incrível isolamento que muitos têm trabalhado no passado"(FONSECA, 1995, p. 200). Assim, é preciso um trabalho em grupo para de fato conseguir incluir as crianças deficientes dentro da escola, devemos parar de colocar a responsabilidade apenas nas mãos do governo, quando a sociedade entender que a educação inclusiva é um bem de todos iremos conseguir chegar em algum lugar.

4. DISCUSSÃO TEÓRICA

4.1 Desafios para/da Educação Inclusiva Escolar

A educação inclusiva carrega consigo histórias de muita luta. "Nos tempos antigos a sociedade desenvolveu obstáculos à integração de pessoas com deficiências" (FONSECA, 1995, p. X). As crianças com deficiência eram excluídas da sociedade, assim como afirma Vítor Fonseca em seu artigo, "Os deficientes vistos como 'não desejados' e 'nada atraentes' fisicamente viveram encerrados, durante quase todo o século XIX, em instituições-prisão, autênticos guetos, depósitos e reservas de segregados" (FONSECA, 1995, p. 200).

Essa afirmação reforça que durante muito tempo crianças com deficiência eram excluídas, não tinham acesso a educação, recreação, etc. Eram vistas como pessoas incapazes de viver com outras pessoas ditas "normais": "O capacitismo é a discriminação e a opressão das pessoas com deficiência ao considera-las inferiores, incapazes de produzir, trabalhar, aprender, amar cuidar, sentir desejo e serem desejadas" (GESSER;BLOCK; MELLO, 2020, p. 20).

Após muita luta para enfrentar as barreiras do preconceito, começaram a surgir leis que visavam a inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais, como por exemplo: "A convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência, que foi adotada em 13 de dezembro de 2006 com o intuito de proteger e assegurar o exercício pleno e equitativo de todos os direitos humanos das pessoas com deficiência" (UNICEF,2006, p. 01).

Outra lei que assegura direitos à pessoa com deficiência é a declaração de Salamanca, criada em 1994 na Espanha. Seus princípios são voltados para garantir que toda a criança com deficiência possa receber uma educação especial e que tenha o direito de frequentar o ambiente escolar.

A criação de todas essas leis foi um grande passo para conseguir incluir esse público dentro da sociedade, mesmo ainda existindo diversas outras barreiras que dificultam a inclusão total das crianças deficientes dentro das escolas. Afinal, "A Integração é uma preocupação humana, necessitando antes de mais nada, de respostas humanizadas que obviamente se reflitam no presente e no futuro dos seres humanos" (FONSECA, 1995, p. 200). Relacionado às palavras de Fonseca, sobre a educação inclusiva, podemos perceber o quão prejudicial é quando tentamos incluir essas crianças dentro do ambiente escolar de forma insuficiente, podendo ter marcas irreparáveis em seu aprendizado e desenvolvimento.

Para dialogar com essas questões, trago aprendizados construídos na Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) em uma disciplina do curso

de Pedagogia, Fundamentos da Educação Básica Especial e Inclusiva. Através desse componente curricular, em um dos textos que a professora nos ofertou, conheci o estudo de Lino Macedo onde ele cita o Instituto Rodrigo Mendes, uma instituição que tem como objetivo ajudar no desenvolvimento de crianças com deficiência. O autor, nesse sentido, fala sobre os cinco princípios que podem ajudar no processo de inclusão.

1. **Toda pessoa tem o direito de acesso à educação** de qualidade na escola regular e de atendimento especializado complementar especializado complementar, de acordo com suas especificidades
2. **Toda pessoa aprende**, sejam quais foram as particularidades intelectuais, sensoriais e físicas do estudante, partimos da premissa de que todos têm potencial de aprender e ensinar
3. **O processo de aprendizagem de cada pessoa é singular**, pois as necessidades educacionais e o desenvolvimento de cada um são únicos.
4. **O convívio no ambiente escolar comum beneficia todos**, e a experiência de interação entre pessoas diferentes é fundamental para o pleno desenvolvimento de qualquer pessoa.
5. **A educação inclusiva diz respeito a todos**, uma vez que a diversidade é uma característica inerente a qualquer ser humano (MACEDO, 2020, p.15).

Com base nesses princípios vou relacioná-los com a experiência que obtive trabalhando em uma escola de ensino fundamental onde minha função era de cuidadora de uma criança diagnosticada com deficiência intelectual e também auxiliava a professora em sala de aula.

O primeiro diz que "Toda pessoa tem o direito de acesso à educação", a educação básica é um direito de todos/as, não apenas de um determinado grupo. Apesar de toda criança com deficiência ter direito ao acesso à educação de qualidade, isso não significa que ao estar dentro de sala de aula ela estará vivenciando esse horizonte.

Como já mencionado na minha experiência cuidadora a criança que eu fui designada a cuidar tinha o diagnóstico de "retardo mental grave", ou seja, ela já possuía dificuldades cognitivas para o seu aprendizado. De acordo com o primeiro princípio, ela tinha acesso à educação e estava inserida em sala de aula, mas, em contradição, ela não recebia uma atenção especializada que conduzia com sua condição, ela não era satisfatoriamente contemplada dentro de sala.

A escola terá de adaptar-se a todas as crianças, ou melhor a variedade humana. Como instituição social, não poderá continuar agir no sentido inverso, rejeitando, escoraçando ou segregando "aqueles que não aprendem como os outros", sob pena de se negarem a si próprios. Não se pode continuar a defender que tem de ser criança a adaptar-se às exigências escolares, mas sim o contrário" (FONSECA, 1995, p.202).

É preciso entender que as escolas precisam reformular sua proposta curricular para que todos/as, incluindo as crianças com deficiência, possam usufruir da educação que está sendo preconizada como direito. Inserir ou apenas colocar uma criança deficiente dentro de sala aula é insuficiente. Em consequência de anos sem ser incluída nas atividades escolares, a aluna não conseguia acompanhar o processo de aprendizado na idade certa, tendo efeitos significativos em seu desenvolvimento.

O segundo princípio aponta que "Toda pessoa aprende", independente de nossas limitações sejam elas físicas ou intelectuais.

Temos de aceitar que é possível mudar a estrutura cognitiva do deficiente. Por definição, não há nem pode haver deficientes ineducáveis. Por efeitos da educação e da reabilitação precoce, podemos transformar o deficiente num ser autônomo, independente e capaz de aprendizagem e elaboração ideacional" (FONSECA, 1995, p.73)

Com essa ideia é possível reforçar que qualquer pessoa, seja ela com ou sem deficiência, tem a capacidade de aprender quando recebe as mediações necessárias. Como já mencionado, a aluna tinha um diagnóstico de retardo mental grave. Seu próprio diagnóstico indicava que ela teria dificuldades de compreender acontecimentos básicos do seu cotidiano, como por exemplo saber a hora de ir ao banheiro, por muitas vezes era necessário mediar necessidades básicas no cotidiano escolar.

Em relação aos seus aprendizados, ela não sabia ler, escrever, não identificava números nem letras. Ela já vivenciava muitas limitações pelas suas condições intelectuais e para agravar mais ainda a situação, no contexto escolar, no sistema de ensino ainda enfrentava estigmas e rótulos sobre sua aprendizagem, proporcionando um sinal de limitação para a sua inserção e desenvolvimento.

Eu não tinha experiência em ensinar, além de ser a primeira vez que estava em sala de aula, as formações que recebíamos também não eram suficientes para lidar com a complexidade de aspectos desse tipo de acompanhamento pedagógico. Tendo em vista todas essas problemáticas, fiz pesquisas sobre a educação inclusiva, assisti vídeos sobre projetos que mostravam metodologias de ensino e tudo isso me ajudou muito.

Após estudar muito encontrei um método de "ensinamento repetitivo" onde qualquer atividade que eu fosse passar eu teria que repeti-las até que ela conseguisse internalizar algo dessa rotina. Com esse método conseguimos que ela aprendesse as vogais e a se inserir na hora da aula, com isso mostrei que apesar de seu diagnóstico, dando pequenos passos ela conseguiria aprender, pois de acordo com Lino Macedo (2020, p. 15) "aprender é possível e necessário em todas as instâncias de nosso viver".

O terceiro ponto fala que "O processo de aprendizagem de cada pessoa é singular". É impossível viver, pelo outro, em seu lugar" (Macedo, 2020, p. 15). Pensando nesse ponto podemos refletir: se para uma criança dita "normal" é difícil a compreensão de determinados assuntos, o que esperar de uma criança que possui limitações cognitivas? A resposta é bem previsível. Uma criança com o diagnóstico de retardo mental tem a necessidade de receber as atividades adaptadas para que ela possa fazer parte do círculo escolar. Parece uma frase repetitiva, mas esse era um problema que ocorria constantemente, muitas crianças com deficiência não eram adequadamente inseridas nas atividades, o que contribuía para a sua invisibilização.

Junto disso, havia uma dificuldade quanto aos papéis em relação ao ensino e, como eu estava dentro de sala cuidando exclusivamente de uma criança, a responsabilidade de ensinar era entendida como prioritariamente minha. Lino Macedo fala que "Dependemos dos estímulos e informações do mundo para aprender" (2020, p. 15), ou seja, as crianças com deficiências dependem das mediações de profissionais da educação para conseguir os ensinamentos básicos. Se essas crianças não estão recebendo uma educação de qualidade, que contemple suas necessidades especiais, elas terão limitações em sua inclusão nas atividades escolares, e no seu convívio social com outras pessoas.

O quarto ponto fala que "O convívio no ambiente escolar comum beneficia a todos", tudo na teoria é muito fácil.

Até pouco tempo atrás, pensava-se que as coisas da escola, mesmo do ensino fundamental, não eram para todas as crianças e jovens. Supunha-se, pela exclusão e pelas formas autoritárias de seleção, que apenas um número pequeno e privilegiado de pessoas poderia aprender o que nela ensinava"(MACEDO, 2020, p.18).

Apesar de uma grande maioria de crianças com deficiência estarem na sala de aula, isso não quer dizer que a interação entre elas e as outras crianças esteja de fato acontecendo. No período que trabalhei na escola regular presenciei diversas dificuldades para o pleno processo de inclusão. Em participar de atividades em sala, de atividades artísticas, coletivas. A estrutura de ensino, principalmente em relação à educação inclusiva, vem há muito tempo com obstáculos, e são vários fatores que contribuem para a não inclusão.

Desse modo, procuro através deste projeto de pesquisa evidenciar as problemáticas existentes e outro problema muito comum: que as escolas trabalham com professores/as e gestores isolados/as, inseguros/as e exaustos/as diante do exercício de suas responsabilidades. É evidente que a educação inclusiva beneficia a todos, pois trabalhar com crianças especiais é

uma troca de conhecimentos, mas esse convívio não é possível quando o ambiente não favorece a todas as partes envolvidas. Vitor Fonseca fala que as crianças especiais não são uma ameaça às crianças não-deficientes, pelo contrário, contribuem para pensar e o fazer a educação com atenção às singularidades.

Assim, o quinto princípio aponta que “A educação inclusiva diz respeito a todos”, pois qualquer pessoa com deficiência faz parte de uma família e é membro de algum grupo social. O princípio diz que a educação inclusiva diz respeito a todos/as, porque todos/as nós também de alguma forma precisamos de cuidados, e um dia também poderemos precisar frequentar escolas ou outros espaços educacionais e receber uma educação de qualidade, que considere as particularidades de cada pessoa.

Não somos detentores de todo conhecimento e não vivemos no mundo sem precisar de alguém. Ao pensar que a educação inclusiva é um assunto de todos achei belo o exemplo que Lino Macedo deu em seu texto, onde ele diz que “Um adulto, tão competente e com tanta energia não pode ser 100% independente”, ou seja, em algum momento ele vai precisar dos cuidados de seu/sua cônjuge ou de cuidados de médicos etc.

Pensar que nós também precisamos de cuidados e entender que as crianças que dependem da educação inclusiva merecem receber atenção, cuidados, amor e carinho como todos nós ditos normais também recebemos. Além de tudo, quando colocamos crianças especiais dentro das escolas temos como objetivo que aquela criança especial venha a interagir com os demais alunos.

Quando falamos de integração, no fundo queremos dizer interação, isto é, interação entre os deficientes e os não-deficientes. Só quando se atinge uma interação constante entre deficientes e os não-deficientes se pode falar numa política educacional de integração (FONSECA, 1995, p.201).

Sabendo, portanto, que a educação inclusiva é um bem comum a todos, que ela consiste em promover a interação entre as crianças deficientes e os não-deficientes, não existe nenhuma justificativa que comprove que o melhor para as crianças deficientes é que elas sejam separadas das demais.

Por fim, o processo de integração de crianças com deficiência física ou intelectual é um grande avanço para o sistema de ensino.

A integração é efetivamente um degrau de todo o processo de inovação educacional, que urge edificar. Porque visa um alargamento de oportunidades de uma maior capacidade de acomodação de crianças com necessidades especiais a integração deverá implementar-se quando tais recursos pedagógicos são possíveis e exequíveis (FONSECA, 1995, p.203).

Mesmo o processo de integração sendo um grande avanço para o sistema educacional e ele ter sido implementado nas escolas, a inclusão ainda está longe de atingir o seu ideal, onde crianças com deficiência são de fato incluídas no ambiente escolar, tendo suas atividades adaptadas de acordo com suas limitações.

4.2 A Educação Inclusiva e a Pandemia

A pandemia do covid-19 foi outro fator que veio para dificultar ainda mais a inclusão de crianças com deficiência nas escolas. No contexto da pandemia se intensificou as mais diversas formas do capacitismo que até em questão de saúde não recebem prioridade em relação a uma pessoa que não tem visivelmente nenhuma limitação.

Em tempos de pandemia em que tivemos que ficar isolados por motivos de segurança, as aulas foram suspensas em consequência as crianças com deficiência também tiveram que ficar em casa. Em solução a essa situação as escolas retornaram mais de forma remota, ou seja foram feitas por vídeo chamada.

Os pais recebiam orientação para realizar algumas atividades e gravar vídeos como prova da realização das atividades, esse método só deu certo no primeiro mês. Após algum tempo as atividades eram mandadas, mas o acompanhamento e a atenção que essas crianças tinham que receber foi prejudicado.

Crianças com deficiência que visivelmente têm dificuldades específicas de aprender já não tinham prioridade na educação e com a pandemia essa realidade foi potencializada. As crianças com deficiência que já se encontravam em um grupo oprimido e já viviam em um certo isolamento social ficaram cada vez mais excluídas dentro de casa e desassistidas pela sociedade.

Sabemos que o isolamento é para proteção e preservação da saúde dessas crianças, pois muitas além de apresentar alguma deficiência possuem também algum problema de saúde, mas percebo que não foi criada nenhuma estratégia mais efetiva para conseguir atender esse público da mesma maneira que foram criadas formas de ensino para que as crianças ditas “normais” não se prejudicarem na escola.

Um ponto a ser lembrado na pandemia foi a falta de acessibilidade comunicacional, o que também acontecia antes da pandemia e nos tempos atuais se potencializou como uma forma de exclusão. Como já citado, nossa ferramenta de comunicação nos tempos atuais são as redes sociais. Mesmo possuindo essa fonte de comunicação ainda assim, a forma de se comunicar com pessoas deficientes foi prejudicada.

Como estamos utilizando vídeo chamada, precisamos de um sistema adaptado para que essas crianças consigam compreender o que está sendo ensinado. Crianças com deficiência visual precisam de materiais com audiodescrição ou em braille, as pessoas com surdez de materiais visuais. As pessoas com deficiência intelectual necessitam de uma linguagem simples e objetiva com termos que facilitem o entendimento.

Vale ressaltar que não só as crianças com deficiência dentro dos espaços de ensino estão sendo prejudicadas, são várias questões que estão dentro desse processo de inclusão. Antes da pandemia, essas crianças muitas vezes eram colocadas apenas nas salas de AEE e eram excluídas, colocadas dentro de uma sala que muitos diziam que era melhor para elas.

Em uma análise, Mendes (2019) disse que uma média de 750 mil estudantes da educação especial tem acesso ao ensino regular. Sendo que 60% desse valor não frequentam o Atendimento Educacional Especializado (AEE), já 40% deles frequentam o ensino regular e o AEE. É aí que entra outra problemática, certas resistências de profissionais da educação e de gestores da escola, pois "centrada no estudante e que o atendimento vai compensar, provocando pouco ou nenhum impacto na classe comum, numa escola que precisa mudar para oferecer ensino de qualidade para todos" (MENDES, 2019, p.18).

Hoje em dia são isolados/as dentro de casa sem receber um acompanhamento mais contínuo, ou seja, se já eram segregados/as da vida social, o que é possível pensar em um cenário de distanciamento, estando longe de práticas educativas inclusivas. Assim, para conseguir combater a exclusão precisamos fortalecer políticas de enfrentamento para a falta de orçamento, a desqualificação dos professores, a pobreza das instalações e a falta de materiais didáticos., sobretudo, diante dos impactos que a pandemia trouxe para a educação. Além de materiais didáticos temos que lembrar que estamos ainda vivendo oscilações entre o ensino remoto emergencial e o presencial, pensando nisso temos que pensar em estratégias para conseguir incluir as crianças especiais nas aulas remotas ou de como inseri-las no retorno das atividades presenciais.

Para isso acontecer em tempos pandêmicos precisamos capacitar ainda mais os professores, pois seria um erro não suprir as necessidades formativas dos/as professores/as, principalmente, com o acréscimo proporcionado pela crise sanitária: "Os seus medos e superstições poderão transformar-se em obstáculos inamovíveis, que impediram o avanço do movimento de integração" (FONSECA, 1995, p. 207).

Por fim, a escola possui uma representação de um local onde as desigualdades sociais e a exclusão não deveriam existir e os/as profissionais que nela estão são tomados/as como os/as responsáveis pelas práticas pedagógicas para conseguir incluir as pessoas com deficiência. Mas

sabemos que a realidade é outra, e a pandemia evidenciou mais ainda a segregação das crianças especiais.

O ensino remoto emergencial não inclui crianças com deficiência, assim como as demais crianças podem não ser incluídas nas aulas remotas por falta de aparelhos eletrônicos para ter acessos às aulas. Outro ponto é que muitas famílias não possuem infraestrutura pedagógica para ensinar aos seus filhos/as e os/as próprios/as professores/as trabalham no ensino remoto com condições ainda muito precárias. Todos esses acontecimentos são fatores que contribuem para o não aprendizado das crianças com deficiência física ou intelectual. É necessário, portanto, que sejam criadas políticas de enfrentamento à segregação dessas crianças para que futuramente não haja consequências mais desastrosas.

5. METODOLOGIA

5.1 ABORDAGEM DE PESQUISA

O projeto de pesquisa terá como abordagem metodológica uma pesquisa qualitativa. Segundo Melhorar et al (2005) o objetivo da pesquisa qualitativa é a obtenção da compreensão qualitativa do problema investigado. A seleção dos/as sujeitos da pesquisa é tomada por um número pequeno de casos representativos dos aspectos que serão estudados na pesquisa.

A produção das informações na pesquisa qualitativa é contínua, volta-se para as particularidades e significações na perspectiva dos sujeitos e sua análise não é estatística, pois não há a necessidade de quantificação das dimensões investigadas.

Essa definição mostra que a pesquisa qualitativa tem como intuito de buscar compreender os acontecimentos do espaço a ser pesquisado. E é isso que em minha pesquisa eu estou buscando, entender os acontecimentos, analisar cada dado apurado, analisar também o ponto de vista dos professores e da gestão escolar para que assim eu consiga com minha pesquisa encontrar a fonte do problema.

De forma complementar, Alencar (1999) ressalta que na pesquisa qualitativa, o pesquisador inicia o trabalho de campo com pressuposições sobre o problema da pesquisa, originadas do paradigma teórico que orienta o estudo. Tais pressuposições guiam a coleta inicial de informações obtidas por observações, anotadas no caderno de campo e gravadas em fitas K7, etc. Após a primeira ida a campo, o pesquisador faz as análises dos dados obtidos, reelabora o roteiro de entrevistas para retornar ao campo. Dessa forma, as pressuposições iniciais do pesquisador ou até mesmo o problema da pesquisa são passíveis de modificação no decorrer do processo de investigação. Esta pesquisa segue, portanto, os caminhos da abordagem Interpretativa, calcada nas Teorias da Ação, pois se concentra em nível micro da vida social, ou seja, nos modos pelos quais os indivíduos são capazes de interagirem uns com os outros. (CAROLINA; SANTOS, 2009, p.4)

Quando se está formulando um projeto de pesquisa devemos ter em mente que os dados obtidos há dois anos atrás podem já ter se modificado ao passar dos anos. Isso se enquadra na minha pesquisa, pois comecei a colher informações sobre o tema da pesquisa em 2019 e os dados obtidos teriam que ser atualizados quando eu for a campo novamente.

5.2 DELINEAMENTO DE PESQUISA

O delineamento metodológico escolhido para o projeto de pesquisa é o narrativo, pois a pesquisa busca mostrar os desafios existentes no processo de exclusão de crianças diagnosticadas com deficiência física ou intelectual, narrando suas vivências dentro de sala de aula, incluindo também as narrativas dos professores e da gestão escolar.

O estudo da narrativa conquistou uma nova importância nos últimos anos. no despertar desta nova consciência, as narrativas se tornaram um método de pesquisa muito difundido nas ciências sociais. As discussões sobre as narrativas vão, contudo, muito além de seu emprego como método de investigação. A narrativa como uma forma discursiva, narrativa como história, e narrativa como histórias de vida e histórias sociais, foram abordadas por teóricos culturais, e literários, psicólogos e antropólogos (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008, p.90)

Como em minha pesquisa vou mostrar as problemáticas existentes na educação inclusiva, utilizando a narrativa poderei entender os acontecimentos que relativos à integração desses/as estudantes no período da pandemia. Esse método da narrativa possibilita, conhecer todas as histórias vividas, com isso podemos procurar compreender as situações e buscar melhores abordagens para conseguir ofertar uma educação inclusiva, de qualidade para as crianças com deficiência.

Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008, p.91)

O intuito da pesquisa narrativa é lembrar dos acontecimentos ocorridos na vida das pessoas, meu projeto não busca apenas lembrar e sim evidenciar para que assim as pessoas conheçam as problemáticas e as barreiras que educação inclusiva enfrenta para que depois elas possam ser narradas e lembradas, pois muitos desconhecem essa realidade precária que é o processo de inclusão.

5.3 INSTRUMENTO METODOLÓGICO

A ferramenta metodológica que será utilizada é a entrevista não estruturada na perspectiva de acessar as experiências, situações e acontecimentos relacionados às dificuldades de integração das crianças com deficiência durante o período de pandemia. Como já tive experiências como cuidadora de uma estudante com diagnóstico de deficiência intelectual, optaremos por entrevistas com professores/as e familiares de dois estudantes, um com deficiência física e outro com cognitiva.

Por esse motivo decidi usar a entrevista não estruturada como ferramenta metodológica. De acordo com Gil (2010) a entrevista pode ser definida como uma técnica na qual o investigador se apresenta frente ao investigado e formula perguntas para obter as informações necessárias sendo assim, uma forma de interação social.

O tipo de entrevista seria a não padronizada ou não estruturada. Neste tipo de entrevista, segundo Marconi e Lakatos (2011, p.82), " as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação informal". Pretendo, a partir delas, que os/as entrevistados/as tenham a liberdade de narrar suas experiências vividas e de falar outros pontos que estejam relacionados ao tema proposto.

Após solicitar a anuência da escola para a realização da pesquisa, irei convidar para a entrevista professores/as que tenham estudantes com deficiência em suas turmas. Em seguida, farei o convite para familiares desses estudantes. Os/as entrevistados/as irão trazer suas narrativas com base nas seguintes perguntas.

- Conte para mim como tem sido o contato com a criança desde a chegada da pandemia (para professores/as)
- Conte para mim como tem sido o acompanhamento da criança desde a chegada da pandemia. Como tem sido o contato com a escola? (para familiares)

Tendo como apoio esses tópicos pretendo conseguir alcançar os objetivos específicos. Com as narrativas presentes nas respostas quero buscar entender o processo de inclusão através das narrativas dos professores e familiares, compreender as dificuldades que os professores/as e familiares percebem em relação à integração desses estudantes e entender os prejuízos relacionais, afetivos e sociais causados nessas crianças com deficiência física ou intelectual decorrentes das dificuldades de integração.

5.4 CUIDADOS ÉTICOS

Ter ética dentro de uma pesquisa acadêmica é essencial. É de extrema importância que quando vamos realizar uma entrevista deixar os participantes cientes de tudo que será feito, deixar esclarecido os objetivos da pesquisa e tirar todas as dúvidas existentes.

Devemos ter em mãos um termo de consentimento onde estará escrito de forma clara e objetiva tudo o que o pesquisador irá fazer. No momento das entrevistas manter uma postura não tendenciosa, sempre manter o respeito, desenvolvê-la dialogicamente com o/a entrevistado/a, mas sem influenciar nas respostas do entrevistado/a para que as informações expressem ao máximo as perspectivas dos sujeitos. E, sobretudo, ter o cuidado em não reproduzir estereótipos ou preconceitos na análise das informações.

REFERÊNCIAS

FONSECA, Vitor. **A integração como filosofia educacional**, Porto Alegre, 1995,p.200-213

FONSECA, Vitor. **Problemática da deficiência: sua prevenção e identificação**, Porto Alegre, 1995,p.8-24

GESSER, Marivete; BLOCK, Pamela; MELLO, Anahi G. **Estudos da Deficiência: interseccionalidade, anticapacitismo e emancipação social**. In: GESSER, Marivete; BÖCK, Letícia Kempfer; LOPES, Paula Helena (Orgs). Estudos da Deficiência: anticapacitismo e emancipação social. Curitiba: Editora CRV, 2020. p.17-35.

MELLO, Anahí G. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro. v. 21, n. 10, p. 3265-3276, 2016.

MELLO, Anahí G. Corpos (in)capazes: a crítica marxista da deficiência. **Jacobin Brasil**, n. especial, p. 98-102, 2020.

OLIVEIRA, LOBATO, Marinalva Silva Oliveira, Maria do Carmo Lobato, **O Aprofundamento do capacitismo na pandemia**, 2021,p.260-268